



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

Principou com o mês de Novembro último o ciclo de inverno das peregrinações mensais ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, na Cova da Iria.

Como é costume durante este ciclo em que o frio, a chuva e a geada, tornam excessivamente agreste o ambiente exterior no alto da Serra, não se efectuou nesse mês a procissão das velas no dia 12 à noite nem a adoração ge-

Peregrinação de Novembro, 13

O Santo Padre abençoa a «Voz da Fátima» na sua edição estrangeira

Apesar de muitas dificuldades, a edição anglo-espanhola da «Voz da Fátima» tem-se mantido, por um milagre de confiança e persistência que só Nossa Senhora conhece e só Ela pode pagar.

Os assinantes são ainda poucos, os recursos menos ainda, mas os 3.000 exemplares que gratuitamente cada mês têm ido por todo o mundo despertaram já entusiasmos e dedicações que a seu tempo hão-de dar os seus frutos. É preciso ler as cartas que de um polo ao outro nos chegam, para saber a «fome» de Fátima que vai por toda a parte e os milagres de graça que Nossa Senhora derrama a mãos cheias sobre todos os povos. Ora a edição anglo-espanhola da «Voz da Fátima» (que a partir de Janeiro começará a publicar-se separadamente) queria precisamente matar aquela «fome» e dar a conhecer estes milagres.

Temos hoje a grande alegria de publicar nesta edição portuguesa uma Carta da Secretaria de Estado do Santo Padre, em que Ele aprova os esforços feitos e abençoa os futuros. A Carta é como segue:

Secretaria de Estado
de Sua Santidade
n.º 129521

Do Vaticano

Rev.º Senhor

Sua Santidade recebeu como filial homenagem os primeiros números da edição anglo-espanhola do jornal «Voz da Fátima».

Sua Santidade agradece profundamente a oportuna publicação e formula os melhores votos para que esta publicação se torne uma viva expressão de piedade entre os fiéis, fazendo nascer nos seus corações uma constante e profunda devoção para com a Rainha do Céu.

O Augusto Pontífice da melhor vontade dá corpo e expressão a estes votos enviando a Bênção Apostólica como penhor das graças de Deus.

De bom grado aproveito o ensejo para me confessar com a mais profunda estima

De V. Rev.º

mt.º ded.º no Senhor

G. B. Montino

Ao Rev.º Senhor

Mons. Manuel Marques dos Santos
Vigário Geral de LEIRIA

ral do Santíssimo Sacramento desde a meia-noite até à manhã do dia 13.

O que assinalou especialmente esta jornada de fé e piedade em honra da augusta Rainha do Céu foi a presença do Senhor Bispo de Macau, D. João de Deus Ramalho, que fez a homilia ao Evangelho da Missa dos doentes, dispostos em quatro filas, e lhes deu individualmente a bênção eucarística no fim da Missa.

Todos os actos religiosos oficiais se realizaram na igreja do Rosário, posto que estivesse um dia de sol claro e de raios acariciadores.

O corpo do majestoso templo achava-se literalmente cheio de fiéis.

A hora habitual, a multidão de peregrinos aglomerados em torno da capela das aparições, rezou o terço com devoção, no meio do maior silêncio e recolhimento, alternadamente com o rev. cónego dr. Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral da diocese de Leiria, que presidiu àquele piedoso acto em honra da Santíssima Virgem.

Terminada a recitação, organizou-se o cortejo em que a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima foi conduzida no seu andor, através de alas compactas de peregrinos, até junto do altar-mor da Basílica, onde ficou sobre uma grande mesa.

Em volta do altar, colocaram-se os 34 alunos do Seminário das Missões com os seus Superiores e alguns sacerdotes e irmãos auxiliares da Congregação da Consolata de Turim, de passagem na Fátima.

Celebrou a Santa Missa o Rev. P.º Manuel Lopes, ecónomo e professor no Seminário Episcopal de Leiria.

Durante o Santo Sacrificio, cantou-se a Missa *De Angelis*, estando ao órgão o rev. Pároco da freguesia da Fátima, rev. P.º Augusto de Sousa.

Repetido o acto de consagração ao Coração Imaculado de Maria, o Senhor Bispo de Macau deu a bênção aos doentes com o Santíssimo Sacramento.

Antes do regresso processional da Imagem de Nossa Senhora à sua capela, anunciou-se à multidão a projectada ida, no dia 22 de Novembro, dessa veneranda Imagem a Lisboa, capital do Império português, em comemora-

ção do tricentenário da excelsa Padroeira da Nação, para voltar à Fátima, passado um mês, pelo lado sul do Tejo que atravessará na tarde do dia 8 de Dezembro, concluídas as respectivas solenidades em Lisboa.

VISCONDE DE MONTELO

Acção Católica

Campanha do Natal

Com perseverança magnífica e sentido claro das realidades cristãs, vem a Acção Católica, desde há anos, realizando a Campanha do Natal.

Porque tem uma gloriosa tradição nacional, devia ser campanha de todos os portugueses. Os nossos presépios, de tão intensa e ingénua inspiração religiosa, são eloquentes manifestações de arte. Há dominador talento nas deliciosas figurinhas do grande Presépio de Machado de Castro, exposto numa das dependências da Basílica da Estrela, em Lisboa. Imaginários obscuros, mas muitos deles superiormente habilidosos, vulgarizaram, por conta própria, as figuras, de tão vigorosa expressão, criadas pelo eminente Artista.

Durante muitos anos, o presépio português cedeu o passo a inovações importadas do estrangeiro, como a árvore nórdica e o Pai Natal, que, apesar dos seus ressaibos protestantes e racionalistas, foram jubilosamente aceites, até por famílias católicas.

Patrioticamente se vem reagindo contra a inovação desnacionalizadora, promovendo o culto do presépio.

Mas a Campanha não pode ter carácter exclusivamente ou principalmente externo. Seria já de louvar o propósito de restituir aos nossos costumes uma tradição que vem de longe.

É ainda mais de louvar a iniciativa de cristianizar a famosa tradição. Enchem a alma de ternura as figuras do presépio: O Menino Jesus, nascido em pobres palhas, no desconforto duma gruta ou dum estábulo; a Mãe bendita e S. José, glorificando a Deus, presente no Menino; os Anjos que, em revoada triunfal, entoam os louvores do Altíssimo e são mensageiros da paz, anunciada aos homens de boa vontade; os pastores que, despertando do seu sono, vêm adorar o divino Pastor das almas; os Magos que, alumiados por estrela de milagre, se aventuram a viagem misteriosa e longa, e oferecem devotamente os seus presentes de ouro; incenso e mirra.

É inebriante a mística poesia do quadro. Só por isso já valia a pena restaurar a gloriosa tradição. Todavia, a Acção Católica tem ambição mais larga e mais nobre. Pretende levar as almas à contemplação e ao amor do comovente mistério cristão. O presépio significa a primeira manifestação visível do dogma da Incarnação. O Menino Jesus é o Verbo que desce do Céu, assumindo a nossa pobre carne enferma, é nosso Irmão, nosso Medianeiro e nosso Rendentor. Por Ele, alargam-se até ao infinito os horizontes humanos. Tão pobres por si mesmos, os homens, por Jesus, tornam-se coherdeiros de Jesus. Peregrinos da eternidade, alcançarão o termo da jornada, pela companhia e graça do Peregrino real.

Deste modo se integra na missão apostólica da Acção Católica a Campanha do Presépio. Por isso há tanto entusiasmo e tanta fé na sua propagação.

E não têm sido baldados os esforços dispendidos. Nas grandes cidades e por toda a parte, nas montras, em exposições públicas, no seio das famílias, vitoriosamente se restabelece o culto dos presépios, modestos uns, outros artísticos, todos eles, porém, de delicioso sabor cristão.

Tem de continuar a Campanha, para que o presépio chegue a todos os recantos, para que se iluminem os espíritos nos esplendores do mistério da Incarnação.

Cresça em cada dia o cortejo das almas adoradoras. *Venite, adoramus.*
† MANUEL, Bispo de Helenópolis



O Sr. Bispo de Leiria deposita nas mãos do Sr. Arcebispo de Évora o seu tributo a Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa

Movimento no Santuário

OUTUBRO 29 — Da América do Norte, vieram pela primeira vez a Fátima os Rev. PP. A. Leal e Mário Cordeiro, párocos das Colónias Portuguesas da Califórnia (Tracy) e PP. Silvino Raposo e João Medeiros, párocos também de colónias portuguesas em Providence. Todos estes sacerdotes são açorianos e tinham acompanhados pelo P. António Pacheco Leite também dos Açores. Todos rezaram a santa missa na Capelinha e percorreram os lugares santificados pela presença de Nossa Senhora nos Valinhos, e do Anjo, na Loca do Cabeço, as casas dos pais dos Videntes e o cemitério da Fátima. Falaram da grande devoção dos portugueses da América do Norte a Nossa Senhora da Fátima, estando projectada já uma peregrinação organizada pela Associação da Rainha Santa Isabel, ao túmulo da Rainha Santa em Coimbra e ao Santuário da Fátima, no próximo ano. Na Califórnia veneram-se já algumas imagens de Nossa Senhora da Fátima mandadas executar em Portugal com destino à América. Entre os devotos da Califórnia destaca-se a Sr.ª D. Adelina Fernandes que comprou a imagem de Nossa Senhora para a Igreja da sua freguesia e o sr. Manuel de Oliveira, pedreiro, de 73 anos que tem sido incansável na propagação de devoção a Nossa Senhora, enviando constantemente esmolas para o Santuário.

No dia 2 de NOVEMBRO, regressando das missões de Nova Lisboa, estiveram no Santuário, tendo celebrado a santa missa na Capelinha, Mons. Joaquim de Lange, nomeado há poucos dias Prefeito Apostólico de Ialté (Amazonas) Brasil, e P. José Felício, de nacionalidade suíça, e o irmão Camisius Adriano, todos da Congregação do Espírito Santo.

Mais uma vez se realizou no Santuário o dia da reparação nacional. Da tarde de sábado à tarde de domingo esteve o Santíssimo Sacramento exposto à adoração dos povos da Cova da Iria e arredores. A prestar homenagem a Jesus Sacramentado e desagravá-lo dos pecados dos homens veio um grupo de benjamins e raparigas da JCF de Santa Catarina da Serra. Pena é que as outras raparigas e rapazes das outras freguesias lhes não sigam o exemplo.

NOVEMBRO — Na tarde do dia 13 chegaram ao Santuário, que visitavam pela primeira vez, Mons. Gerald Patrik O'Hara, bispo de Savannah Atlanta, Geórgia, Estados Unidos da América, que era acompanhado pelo seu secretário Mons. Kirk e de Mons. Alfred Huxley de Secretariado de Estado do Vaticano. Percorreram vivamente impressionados todas as obras do Santuário e estiveram na Capelinha das Aparições a rezar diante da imagem de Nossa Senhora.

No dia 14 rezou missa na Capelinha Mons. Gabriel Arroyo Gonzalez, da diocese de Tulancingo-Hgo, México. Regressando de Roma e visitando Portugal pela primeira vez não quis passar sem vir à Fátima.

Neste mesmo dia à tardinha chegou tendo pernoitado o Rev. P. Juan de Diego y Canales, sacerdote espanhol que há 21 anos paroucia a freguesia de Nuestra Señora de Los Angeles, 2ª, da Califórnia.

No dia 11 chegou com demora de alguns dias o Rev. P. Geraldo de Proença Sigaud, missionário do Verbo Divino, Congregação fundada pelo servo de Deus Geraldo Jansen e à qual pertence S. E. o Sr. Cardeal Thomas Tin, arcebispo de Pekin (China). Este sacerdote veio a Portugal tratar da fundação de uma Casa da sua Congregação.

No dia 7 havia estado no Santuário onde rezou missa na Capelinha das Aparições o Rev. António José de Faria Guimarães, pároco de Favaio, que veio com um grupo de famílias da Régua e do Porto cumprir várias promessas a Nossa Senhora.

No dia 6 haviam passado igualmente pelo Santuário o Sr. Cónego José Pereira da Costa Frota natural de Luanda, que veio a Portugal para tratar da sua abalada saúde, e o Rev. P. Charles Coppex, S. J., de nacionalidade suíça, superior da Província do Brasil Setentrional, da Companhia de Jesus, que regressando de Roma de assistir à eleição do Geral veio à Fátima pedir as bênçãos de Nossa Senhora para a sua Província.

No dia 15 estiveram no Santuário o Rev. P. Aurelio de S. Luís Gonzaga, provincial dos Carmelitas de Navarra, e P. José António, carmelita, de Aveiro.

As que pertencem à família do sacerdote ou seminarista

II
ECCE ANCILLA DOMINI...
Naquele tempo foi mandado por Deus o Anjo Gabriel a uma cidade de Galiléia, chamada Nazare a uma Virgem (...) e o nome da Virgem era Maria. (Ev. da Missa da Anunciação).

Também um dia a ti o Senhor enviou um emissário; quer entregar aos teus desvelos maternais uma vocação sacerdotal, ou escolhendo um dos teus filhos ou irmãos para Seu Ministro, ou confiando-te um seminarista para tu o auxiliares. E esse emissário pede...

Será talvez a confidência do teu próprio filho: «Mãezinha, o Senhor chama-me... Abençoe o seu futuro sacerdote!»

Será talvez um irmão pedindo o auxílio da irmã para o ajudar a convencer os pais a deixá-lo ir. Será o apelo de um dos nossos Prelados: «Estamos certos de que não ficareis indiferentes perante o espectáculo de morte que vamos apresentar-vos...»

Cristãos e Filhos do Sagrado Coração de Jesus, não deixeis explorar Cristo do meio de nós! Não vedes como já está morto — Ele que é Luz e o Amor! — na maioria dos corações?» (Carta Pastoral de S. Em.ª o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa sobre o problema do Clero. 8-12-1935).

Notemos bem: a resposta de Maria foi um acto plenamente deliberado. Só depois de ter medido todas as consequências e todo o alcance do que lhe era pedido, num acto total de abandono e de doação completa de si própria, Maria diz: «Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra». (Luc. 1-2-38).

Encaremos à luz deste fiat de N.ª Senhora a vocação sacerdotal que no seio da nossa família despontou, ou que nós, perante Deus, jurámos auxiliar.

MÃE, a vocação do teu filho precisa de ti, precisa das tuas orações e do teu amparo, e que na hora da tentação, — triste vocação aquela que não for tentada! — ao seu lado, vigilante e compreensiva tu a guardes e defendas. Não esqueças nunca que tu és a grande co-redemptora da cruz sacerdotal do teu filho.

O Senhor pede... Estás pronta

a responder: «*Ecce ancilla Domini?*...».

IRMÃ, o teu irmão conta contigo... Quem sabe se para ele poder ser padre tu não terás de calçar aos pés o teu coração e esquecer os teus próprios projectos e aspirações, as tuas amizades, as tuas relações.

Estás pronta a responder: «*Ecce ancilla Domini?*...»

MADRINHA ou **PROTECTORA**, tremo ao pensar naquelas que encaram o auxílio a prestar a um seminarista, apenas sob o ponto de vista material. Não serão elas as grandes, embora inconscientes responsáveis de tantas defecções? Auxiliar uma vocação sacerdotal não pode nunca ser considerado como uma caridade qualquer! Não é apenas com um pouco do nosso superfluo que se alcança o direito de chorar as lágrimas de alegria de uma mãe no dia abençoado de uma Missa Nova!

Vós todas que ajudaís algum seminarista, peço-vos, ajoelhai e considerai essa vocação como sendo-vos entregue pelas mãos de Deus e, PERANTE DEUS, jurai ampará-la e auxiliá-la, sob o ponto de vista material, sim, mas também muito especialmente, pelo esforço constante da vossa própria santificação.

E a todas vós: mães, irmãs e madrinhas de vocações sacerdotais eu convido a virem-se unir ao grupo que se fundou sob o nome de «A família do Sacerdócio».

Todas as pessoas a quem este assunto interessar e que desejem mais explicações, poderão pedi-las em carta dirigida à redacção de «A Voz da Fátima», que traga dentro um segundo envelope com o nome «Maria da Fátima», escrito a lápis.

Maria da Fátima

Casca de Laranja Amarga
 (de pele verde) seca compro q. quantidade.
 Para a próxima época de colheita de plantas medicinais aguardo ofertas de colaboradores.
 Prudência — R. Vale de St.º António, 75, r/c. Lisboa.

VOZ DA FATIMA
 DESPESAS

Transporte	3.440.694\$62
Papel, imp. do n.º 290	21.868\$40
Franq. Emb. Transporte do n.º 290	4.984\$33
Na administração	300\$00
Total	3.467.847\$35

ROUPIARIA — Meias — Malhas lá
Grandes Saldos!!...
NO IMPÉRIO DAS MEIAS
 Av. Almirante Reis 173 B. — Lisboa

Lençóis c/ ajour 1,40	57\$80
Lençóis c/ ajour 1,80	42\$10
Combinações opal c/ ajour	19\$20
Parures opal c/ ajour	50\$00
Colotes escócia p.ª senhora	13\$00
Cuecas escócia p.ª senhora	11\$50
Lençinhos cor com ajour	1\$10 e 1\$10
Toalhas turcas tabela	7\$80 6\$20 e 5\$90
Toalhas turcas grandes	18\$00 e 14\$00
Toalhas mesa cores c/ 150x150	50\$60
Meias seda saldo não exclusivo	9\$50
Meias seda gase finíssima exclusivo	12\$50
Meias seda escócia saldos p.ª	6\$00 7\$50 e 5\$00
Peças p.ª homem saldos p.ª	3\$90 3\$40 e 2\$00
Camisas p.ª homem boas tabela	32\$50
Peças lá fortes saldos para	10\$10 7\$90 e 6\$50
Soquetes lá p.ª senhora saldo	6\$70
Colchas bom gorgorão cama casal	50\$60
Província e lha, enviamos a reembolso Colónias enviamos só c/ créditos a n.º ordem em qualquer Banco de Lisboa	

NOSSA SENHORA DA FATIMA Missionária de DEUS

Todos nós sabemos, e quem nunca experimentou adivinha, o que vai numa casa de muitos filhos onde de repente falta a mãe. A saúde, as incertezas, as preocupações, junta-se uma sensação indefinida, um vácuo, que nada nem ninguém pode preencher. O que há aí que possa substituir desvelos, carinhos, um coração de mãe?...

Pois assim é hoje a Cova da Iria, sem a presença visível da Senhora na sua Imagem, que nos deixou e foi de longada por esses caminhos, para alegrar muitos filhos seus, despertar outros e trazê-los a uma vida mais conforme com a Fé que professam. A tristeza de perdê-la, porém, nem que seja só por estes poucos dias, é bem compensada pelas honras de que A sabemos alvo e, mais ainda, pelas torrentes de graça e de bênçãos que Ela vai espalhando por onde quer que passa.

Nossa Senhora foi a Lisboa para receber na Capital do Império, neste remate glorioso do Tricentário da Padroeira, as homenagens nacionais das supremas autoridades civis e religiosas, homenagens a que tem indiscutível direito. Na data em que escrevemos não podemos mais do que adivinhar e antever essa apoteose magnífica, regozijando-se com ela de antemão o nosso peito de crentes e de portugueses.

Mas houve uma outra razão mais profunda, embora menos aparente. Nossa Senhora foi a Lisboa, e mais longe, como Missionária de Deus. Atola-se o mundo num materialismo grosseiro, conflagrador. Os povos encontram-se a braços com dificuldades sem conta, e estas geram a revolta e por vezes o desespero. Não vêm ou não querem ver que a salvação está no regresso às leis simples e eternas do Evangelho no cumprimento sem restrições nem subterfúgios da Lei santa de Deus. E Nossa Senhora, que veio do Céu à Fátima para ensinar aos homens de todo o mundo estas verdades singelas, desce agora da serra aos vales, e atravessa os rios, e corre as planícies de além do Tejo, para recordar aos seus filhos de Portugal o que nunca deviam ter esquecido.

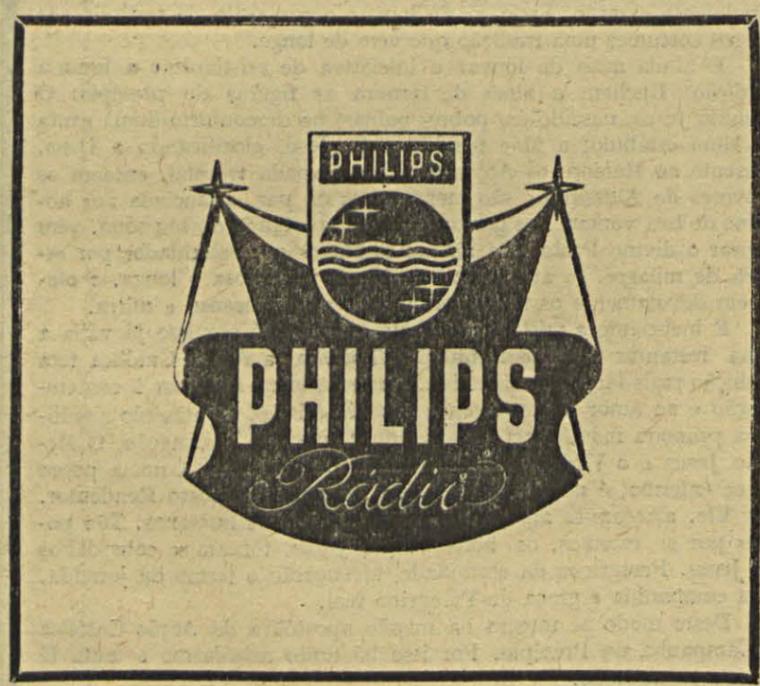
Nossa Senhora, Missionária de Deus! Nossa Senhora da Fátima peregrina dos caminhos de Portugal, para dizer aos seus filhos que não podem ou não querem vir vê-la, onde está e onde podem encontrar a paz e com ela a salvação. Aquele terço, nas mãos erguidas ao céu, dirá a todos que é preciso rezar, rezar muito; aquele olhar triste, magoado, dirá a muitos que têm de fazer penitência pelos pe-

(Continua na 4.ª página)

TIRAGEM DA VOZ DA FATIMA

no Mês de Novembro

Algarve	7.059
Angra	16.728
Aveiro	6.207
Beja	4.952
Braga	42.288
Coimbra	9.419
Bragança	6.542
Évora	3.765
Funchal	9.728
Guarda	9.464
Lamego	7.105
Leiria	10.029
Lisboa	12.730
Portalegre	8.173
Porto	36.915
Vila Real	15.132
Viseu	5.034
Total	211.270
Estrangeiro	3.544
Diversos	9.646
Total	224.460



Ano áureo da Coroação de Nossa Senhora de Fátima
 13 de Maio de 1946 a 13 de Maio de 1947.
 Peçam a este Santuário as medalhas comemorativas da Coroação de Nossa Senhora assinadas pelo escultor João da Silva

PRINCESA DAS MEIAS

SALDOS PARA OFERTAS! BENEFICENCIA OBRAS DE CARIDADE A todos interessam!

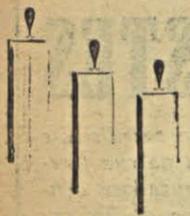
Meias seda finas, 2.ª ...	9\$80 e 8\$50
Meias seda finíssimas, de 1.ª ...	12\$50
Meias tipo seda e linho ...	13\$00
Meias tipo linho, saldo ...	5\$80
Meias tipo escócia ...	7\$50 e 7\$00
Meias algodão p.ª uso ...	2\$90 e 2\$30
Meias lá fortes ...	15\$70 e 8\$90
Novelas lá p.ª tricot. ...	6\$80
Pulowers Mescla p.ª homem ...	16\$50
Pulowers lá, lote saldo ...	26\$50
Camisas zefir, 2 lotes ...	18\$55 e 17\$15
Peças lá, 3 lotes ...	10\$10, 8\$20 e 6\$80
Gravatas seda, lote reclame ...	8\$50
Camisolinhas fantasias p.ª criança ...	14\$50

Armazens Populares da PRINCESA DAS MEIAS
 Rua do Crucifixo, 75, 1.º — Lisboa (Próximo a N.ª S.ª da Vitória)

Veus pretos bordados a seda ...	21\$50
Lençóis crepe «N. S. Fátima» ...	4\$40
Flanelas sariadas, pijama ...	11\$10
Lindas flanelas p.ª robes ...	17\$10
Fantasia lá, bonitas cores ...	22\$00
Sintéticas p.ª vestidos ...	15\$60 e 9\$80
Giletés malha, lindas cores ...	6\$90
Fantasia lá, tipo sariado ...	39\$00 e 33\$00
Fantasia tipo crepe, de 1,40 ...	48\$00
Veludos lá para casaco ...	74\$50 e 58\$00

Província e lha, — AMOSTRAS GRATIS e tudo a contra reembolso!!!

Vende-se uma máquina de ponto «à jour», em estado novo. Ver e tratar com Maria Suzana Gil Santos — Trancoso.



NOITE de NATAL

Natal de 1945. Era o primeiro depois que a guerra mundial se dizia acabada. Paris esforçava-se por assumir um ar festivo e, de facto, pelas flores — que, não constituindo o género alimentício chegavam a ser abundantes — pelas lindas caixas... vazias e outros objectos de que se tirava o possível partido para a circunstância, as montras dos grandes e pequenos armazens representavam um desafio e um conforto que, na verdade, eram só aparentes.

A noite cerrara com certo nevoeiro, afogando no alto de Montmartre a branca Catedral levantada em louvor do Coração de Jesus após a guerra franco-prussiana de 1870 a 1871.

Cá em baixo por entre o movimento que àquela hora atingia o máximo, revoltava uma pequena vendedeira de flores. De súbito, junto da grade que fecha a magnífica esplanada, a rapariguita, com um gemido, deixa-se cair de joelhos, depois de braços, apertando contra si o acafatinho, ainda quase cheio. Eram pobres violetas sem frescura, nem aroma que deveriam andar já na venda por três dias ou ter sido apanhadas nos restos dos mercados.

Passava gente para um e outro lado, a iluminação era bastante fraca, ninguém reparava na criança imóvel de rosto contra a lage. Por fim um rapazinho que pouco mais idade teria — 9, 10 anos — e que parecia procurar alguém, deu com os olhos nela e aproximou-se vivamente.

— Annette! — exclamou a meia voz, inclinando-se sobre ela — Annette! — repetiu, abanando-a violentamente e erguendo-lhe a cabeça.

A pequena abriu os olhos.
— Que tens?... Que foi?...
— Não sei — baubiucou ela. Tenho fome...

— Espera... eu trazia mesmo aqui uma coisa para te dar... E não te encontrava... Toma... é chocolate... Faz-te bem. Come!

Annette, agora sentada no chão, obedeceu.

— E tu?... Quem te deu? — perguntou ainda com a boca cheia.

— Foi a *bonne mère* Catherine. Deu-me dois e eu comi logo um para ela ficar contente. Está melhor? Já passou?

Annette levantou-se cambaleante.
— Não sei se posso andar... E tenho frio... muito frio... E as minhas violetas!

— Espera!... Tenho uma ideia! Já se arranja tudo.

Pegou-lhe na mão, puxou-a para junto de um carrão de vendedores ambulantes, que ali estacionava, fê-la sentar, tirou o sobretudo, bastante coçado, mas ainda confortável e que devia ter sido feito para um rapaz mais velho, e agasalhou-a com ele.

— Fica aqui quietinha, enquanto eu vou vender os teus raminhos. Vais ver que é um instante.

Oh! — protestou ela mais pelo recebimento do casaco. E o frio, charlot?

— Não tenho! Vou a correr... Até vou apanhar um calor...

E ágil e contente começou de facto a correr para um e outro lado estendendo à direita e à esquerda o acafatinho com um modo tão distinto, tão gentil que todos o tinham com simpatia e até alguns dos que não queriam as flores, ou as não achavam a seu gosto, deixavam cair no acafate um moeda acompanhada de uma palavra ou pensamento equivalente:

— Uma vítima da guerra, sem dúvida!...

— Parece um príncipe, coitadinho!...

— Deve ser de família nobre... Orfão, talvez...

Estavam os raminhos no fim. Apenas um que, sozinho, parecia ainda mais murcho, mais desengradado...

— Compre-me estas florinhas, sim?...!

A interpelada desta vez era uma senhora de aspecto bastante jovem, mas triste e fatigadíssimo. Ia embrulhada numa velha capa escura de capuz, dentro do qual o rosto aparecia estranhamente pálido.

As palavras de Charlot voltou-se em sobressalto como se lhe reconhecesse a voz, mas logo serenou:

— Não, meu pequeno, os tempos não vão para se comprarem flores...

— Mas eu já vendi as outras todas! Só tenho estas... Vê? E deram-me todo este dinheiro, vê? Compre este raminho, sim?

A candura do olhar, o encanto do sorriso, a graciosidade do gesto tornavam-no irresistível.

— Dá cá então... Toma... é o que tenho.

O pequeno pegou na moeda mas não se atrevia a guardá-la.

— Não tem mais nada! Então faz-lhe falta! Deixa!... Vou vendê-lo a outra pessoa! Ou então... tome-o lá! — e o dinheiro! Já levo aqui bastante... Que pena não serem flores mais bonitas!

Estendeu a mão com o raminho,

pondo a descoberto o pulso apesar da manga um pouco longa. Esse pulso, alvíssimo, sob o qual incidia a luz viva do farol de um auto ali parado, estava cortado por uma grande cicatriz.

Notou-a a senhora e soltou um grito.

Agarrou na mão do pequeno, indiferente ao ramo que ele com o espanto deixava cair e puxou-o ansiosamente para si:

— Como te chamas, meu filho?

— Charles... Charlot...

— Teus pais?

— Não sei... Creio que morreram na guerra.

Então a senhora abraçou-o e beijou-o sôfregamente.

— Teu pai, sim, teu pobre pai... Tua mãe, não! Sou eu! Lembra-te da nossa vivenda em St. Rémy?

— Sim, muito bem.

— Já lá vão cinco anos. Como estás diferente! Onde estão os teus cabelos loiros? Como vieste aqui parar?

— Nem sei, mãezinha!

— Meu filho, meu querido filho!... E a nossa Annette, lembra-te? Essa lá apenas dois anos que a perdi...

— É verdade! Eu tinha uma irmãzinha chamada Annette!... Nunca mais me tinha lembrado... Oh, se fosse ela!... Anda, mãezinha...

— Ela quem, meu filho?

Mas Charlot, de comovido, nem podia falar, levando a mãe, quase a correr, pela mão.

Chegaram assim à carrocinha junto da qual a pequena dormitava.

— Annette!... Annette!... — gritou o rapazito.

Mas já a mãe se precipitava também sobre a criança e, sem hesitar, ajoelhada, tomava-a nos braços e apertava-a contra o coração:

— Minha pequenina... meu amor!

Então lembrou-se da santidade daquela noite e erguendo os olhos para o alto, exclamou:

— Noite de Natal!... graças vos dou, meu Deus!

— Onde moras, mãezinha? — pergunta Charlot.

— Não tenho casa, meu filho, apenas um vão de escada onde, eu só, mal posso estender-me. Mas o Menino Jesus que nos reuniu nesta noite, não nos deixará na rua.

— Venham comigo à *bonne mère* Catherine — disse então Charlot assumindo um ar protector.

Tem um grande quarto vazio, dos filhos que andavam na guerra e que não se sabe se já morreram ou não. Ela é que me recolheu; ramos!

... ..

No dia seguinte a Divina Providência completava a sua obra. A condessa Luisa de T. encontrava uma colocação que se podia dizer magnífica para a miséria que ia pelo mundo: casa e comida num hotel, para si e para os filhos, a troca dos seus serviços com o roupeira e dispenseira.

M. de F.

CONVERSANDO

A vida e o mundo

A vida e o mundo, pelo que a história nos conta e a nossa experiência demonstra, oferecem hoje à nossa meditação um conjunto concreto que dantes não era possível abrange rápida e simultaneamente.

Deve-se isso aos ingentes progressos materiais dos últimos três séculos. Mercê deles, podemos, em momentos, sondar e quase ver o que se passa nas diversas partes do globo, tanto em relação ao comportamento interior das almas, como no que respeita às vicissitudes dos tempos e dos lugares.

E, assim, o que é que se nos depara, presentemente, à roda do orbe terráqueo e no incessante lajejar da vida da humanidade?

Vemos os povos, quer de vencedores, sob o peso doloroso das consequências da grande guerra que chegou a todos; todos conheceram, praticamente, o que era e valia a solidiedade humana.

As guerras, em grande, passaram. Entretanto, por todos os continentes, fermentam e borbulham assomos de rebeldia; sucumbem por enforcamento, fusilamento ou apunhalamento, milhares e milhares de indivíduos, muitos dos quais representativos de um escol de génio e acção;

uma negra sombra de vinganças paira sobre o mundo; morre-se de fome, definha-se de receios, e chora-se de orfanidades. Verdaderamente: *homo homini lupus!*

É esta, realmente, a civilização do século XX? Foi para isto que vieram os extraordinários progressos materiais que por aí se levantam?

Pobre humanidade! Apesar de tanta civilização e progressos materiais que, com bom uso, lhe permitiriam realizar tranquilamente a vida nos seus melhores aspectos, ela arrasta-se, na maior parte, com os corpos a cair de masela e com as almas recheadas de ódio, não deixando lobrigar uma esperança que anime.

— Tal e qual nos tempos calamitosos das catástrofes bíblicas que deram o trágico desaparecimento da Pentápole, os abismos das cataratas do Dilúvio e a cóptica confusão de Babel!

Os progressos materiais são magníficos instrumentos de manejo; mas a sua utilidade depende, fundamentalmente, do poder da consciência em que assenta a personalidade humana e apenas vale em função deste poder. Escusado é curar dos progressos materiais independentemente dos morais, pois estes é que são os fins próprios e directos do destino humano, seja para o tempo, seja para a eternidade. Os progressos materiais condicionam, sim, os morais, mas somente enquanto os ser-vem e auxiliam; uma vez divergentes, aviltam e apeiam o homem da sua dignidade, estoirando-o de orgulho, de luxúria e de ferocidade. Não haverá paz para o ímpio, — diz a Bíblia nas suas páginas de divina inspiração.

A moral integral, porém, para o equilíbrio da vida física e sobrenatural só se encontra na moral cristã, pois só de Deus podia vir e Deus de facto a revelou, — tanta é a sua perfeição e ajustamento através da complexidade da nossa natureza! Impõe de tal forma a cooperação em tudo com o próximo que, uma vez fielmente observada, não falha nunca para o bem individual e colectivo.

Não assim nas outras morais que, — embora aconselhando, por vezes, alguma coisa de bom, — são, todavia, incompletas para um justo equilíbrio da pessoa humana.

Agora mesmo o mundo assiste ao espectáculo de pertinazes incompatibilidades, na Índia, para uma cooperação de governo, que é francamente facultada após sucessivos séculos de sujeição a governos estrangeiros, entre milhões e milhões de almas, pela simples diferença da moral das suas religiões em regime de castas.

Só a moral cristã se não incompatibiliza; coopera sempre.

Segundo ela, os homens dão-se uns aos outros à imitação do seu divino Modelo, o Redentor; a Mensagem de Cristo veio para salvação de todos; e não há povos que não sejam igualmente filhos de Deus.

A LINO NETTO

pedido e ser verdade, passei o presente atestado que assino.

Fundão, 11 de Novembro de 1946

João José Amaral

Tudo é confirmado também pelo Rev. Pároco do Fundão P.º Francisco Busto.

Agradecem outras graças

D. Maria Ricarda Montiz, Funchal.

D. Georgina Lomelino, Funchal.

D. Isilda Gonçalves Barreiros, Funchal.

D. Augusta da Encarnação, Calheta.

D. Maria Isabel de Meneses Gomes, Madeira.

D. Elandina V. Maria Corte, Funchal.

GRAÇAS de Nossa Senhora da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Maria da Luz Belém Santana Guapo, Portalegre, estando 13 anos casada sem ter filhos, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a graça que lhe concedeu com o feliz nascimento de um filho.

Manuel Castro, Sangalhos, Anadia, tendo um dos seus filhos com um forte ataque de coqueluche pe-

diu a N.ª Senhora da Fátima a sua cura e que os outros dois filhos que tem não fossem contagiados. Tendo sido ouvida a sua súplica, vem, com sua esposa e filhos, agradecer publicamente a graça alcançada, conforme prometera.

Domingos Fernandes Machado, Laires Amares, tendo sofrido durante oito anos de uma nevrite em um dos braços, tendo empregado, em vão, os mais variados remédios e não conseguindo qualquer alívio, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, com o voto de ser «Cruzado de Fátima» e de publicar na «Voz da Fátima» a sua cura, caso a obtivesse. A sua prece foi atendida o que é confirmado pelo seu Rev. Pároco P.º João Joaquim de Sousa.

D. Carolina Dias dos Santos Baptista, Lavra, Matozinhos, sofrendo havia vinte e sete anos de um pé que ultimamente a impossibilita-

va de andar por ter dores horripáveis, foi aconselhada pelo médico a ir aos raios X, sendo descoberta a fractura de um dedo que era forçoso amputar. Recorreu então a Nossa Senhora da Fátima e sucedeu que se curou sem fazer a operação, graça esta que publicamente vem agradecer à SS.ª Virgem.

Ir. Felismina de S. José, da Congregação das Irmãs Hospitalares, Superiora do Hospital do Fundão, deu uma queda violenta. Foi observada por diferentes clínicos e sendo-lhe feita a radiografia, foi descoberta fractura do colo do fêmur e do ramo ilio-púbico da bacia.

Poucas esperanças havia de que a doente melhorasse devido à gravidade das fracturas e atendendo, sobretudo, à sua avançada idade, 81 anos. No entanto os médicos resolveram que lhe fosse aplicado um aparelho de extensão continua em

ta'a de Braun. Na melhor das hipóteses o restabelecimento levaria sete a oito semanas, diziam os médicos. A enferma pediu, com grande fé a sua cura a Nossa Senhora da Fátima.

Passadas 4 semanas foi novamente radiografada e foram achadas grandes melhoras; sentia-se até com força para se levantar do leito. Ofereceram-lhe umas muletas que ela recusou, mandando colocá-las junto da imagem de Nossa Senhora da Fátima. Conseguiu finalmente levantar-se sem muletas e sem grande dificuldade, considerando-se completamente curada, o que reconhecidamente agradeceu a Nossa Senhora.

Segue-se o atestado clínico: «Eu abaixo assinado, médico cirurgião pela Universidade de Coimbra, atesto por minha honra que a Senhora Superiora do Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Fundão, Irmã Felismina de São José, de 81 anos de idade, sofreu uma queda no passado dia 12 de Abril do corrente ano, de que resultou fractura do colo do fêmur e do ramo ilio-púbico da bacia, lesões estas que foram verificadas por exame radiográfico, encontrando-se completamente curada. Por me ser

Sua Magestade o Rei Humberto de Itália

dá as suas impressões do dia 13 de Outubro

Sua Magestade o Rei Umberto de Itália esteve na Cova da Iria no passado dia 13 de Outubro mas quis ficar rigorosamente incógnito no meio do povo simples da nossa terra.

Convidado recusou-se a ocupar qualquer lugar especial.

De regresso escreveu ao Senhor Bispo uma carta formosíssima na qual se estampam bem os seus profundos sentimentos cristãos e que por isso gostosamente damos aos nossos leitores a tradução portuguesa.

Excelência Reverendíssima:

Ainda sob a impressão daquela inesquecível cerimónia da manhã de domingo passado — desejo exprimir o meu mais sentido reconhecimento pelo convite de V. Ex.ª e explicar porque entendi não o aceitar, privando-me, muito embora, do prazer de apresentar a V. Ex.ª Rev.ª as minhas saudações e agradecimentos.

Encontrando-me desde manhã no meio daquela multidão tão devota — em contacto com aquela gente animada de uma fé tão profunda — atitude verdadeiramente edificante — mais do que nunca senti aquilo que sou e aquilo que quero sempre ser diante de Deus: um humilde fiel e por isso não quis aceitar distinções particulares — ficando, no entanto, extraordinariamente grato pela lem-

brança e pela insistência que me era feita por muitas pessoas e sobretudo em nome de V. Ex.ª Rev.ª.

Senti, deste modo, vibrar à minha volta a grande alma do povo — Ex.ª Rev.ª — e com a sua fé, a fé de numerosos peregrinos de tantas partes do mundo!

De nada mais belo me lembrei então do que agradecer a Deus, com todo o coração, o permitir-me, também a mim, rezar entre tantos dignos filhos da nossa Igreja — ajoelhar-me com eles na terra nua — com eles e por eles invocar a Virgem Santíssima — enquanto também o nome de Itália — através do pensamento de V. Ex.ª Rev.ª — era tão solenemente lembrado à infinita misericórdia do Senhor!

Comoção profunda para um coração de católico! Comoção igualmente sentida para um coração de italiano, tão longe da Pátria amada!

E dando, por isso, graças ao Senhor — como sempre, por tudo — escrevo esta carta a V. Ex.ª Rev.ª.

Estou certo que V. Ex.ª Rev.ª me compreenderá e, se for necessário, me desculpará também e aceitará com a mais sentida gratidão, a expressão do profundo respeito com o qual me subscrevo

De V. Ex.ª Rev.ª affectuosíssimo

UMBERTO

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª Série)

XXIII

NATAL

Quando se aproxima o mês do Natal, o meu espírito é muitas vezes transportado aos tempos da minha recuada infância.

Vejo, em espírito, meu querido pai ajoelhado aos pés da cama, todas as noites, a recitar as suas lindas orações, em frente de uma bela imagem do Crucificado; que pena eu tenho de não ter coligido as orações que meu pai recitava todas as noites, antes de repousar das suas cansaças! Estou cada vez mais convencido que meu pai foi muito mais feliz, por saber rezar melhor...

Oriundo da beira-mar, não se esquecia de pedir a Deus, todas as noites, que não nos faltasse com os frutos do mar e da terra, que protegesse os que andavam sobre as águas do mar, que tivesse no eterno descanso os seus parentes e os seus amigos que o tinham precedido nos mistérios da morte... Recitava a oração do Justo Juiz de Nazaré e o canto sublime da Magnificat. Parece que estou a ouvi-lo exprimir com impressionante convicção:

«Manifestou o poder do seu braço; dissipou aqueles que se orgulhavam nos pensamentos do seu coração. Depôs do trono os poderosos, e elevou os humildes. Encheu de bens os famintos, e despediu vazios os ricos».

Parece-me que, depois que Maria Santíssima, há dois mil anos, pela primeira vez glorificou o Senhor com tão excelsas palavras,

nunca elas se mostraram tão verdadeiras como agora.

Com efeito, veja-se o destino dos poderosos de há meia dúzia de anos: nunca tantos grandes foram, em tão breve tempo, apodrecer nos cemitérios e nas prisões.

Vem aí o Natal. Esperemos que se aplaque mais uma vez a ira de Deus e que Ele perdoe, mais uma vez, os grandes crimes da perversa humanidade.

E que nós, como os pobres pastores, não tenhamos nada que temer, quando apareça a multidão da milícia celeste, de que fala o Evangelho segundo S. Lucas, a dizer: «Glória a Deus no mais alto dos Céus, e paz na terra aos homens, de boa vontade».

J. A. Pires de Lima

N.ª S.ª da Fátima Missionária de Deus

(Continuação da 2.ª página)

cados próprios e alheios, pois «Nosso Senhor já está muito ofendido»; aquelas vestes cândidas serão a pregação mais eficaz contra desmandos cada vez maiores e em maior número do nosso tempo...

Praza a Deus, e disso temos seguras esperanças, que este peregrinar da Virgem Santíssima pelas estradas de Portugal ensine e mostre aos homens os caminhos do retorno: oração, penitência, emenda de vida, por Suas mãos e por Seu Coração Imaculado, até ao Coração de Seu Divino Filho, Cristo Senhor Nosso.

Como os nossos caros leitores podem observar pela lista publicada cada mês na «Voz da Fátima», são aos milhares as deserções da P. União dos «Cruzados de Fátima».

Por quê?

Regateia-se acaso os cinquenta centavos mensais?

Não o cremos; a crise não é monetária, mas diremos, sem receio de errar, que são responsáveis os chefes porque não fazem o que poderiam tão facilmente fazer se houvesse um pouco de entusiasmo por essa Obra talvez das mais extraordinárias dos nossos dias e cujo alcance é largo. Recebemos, não há muito, um postal de pessoa de responsabilidade que nos penalizou sinceramente. Diz assim: «O pároco de X... comunica que com a morte do chefe acaba a trezena; e por isso não devem remeter mais jornais, o que também já se comunicou para V.».

Entretanto, que contraste! Oxalá que desta tempera apareçam muitas almas, e não teremos que lamentar o decréscimo do número dos «Cruzados de Fátima!» É uma longa carta que por ser longa procuraremos resumir por

CRUZADOS DE FÁTIMA

não poder ser publicada na íntegra como bem o merece. É uma Filha de Maria, Dirigente da L. O. C. F. da freguesia da Penha de França, de Lisboa, quem escreve: «Rev. Sr. Na carta de outubro de 1945, dizia-se que em Janeiro de 1942 se iniciou a campanha dos «Cruzados» ficando organizada até novembro do mesmo ano 26 Trezenas e 18 chefes e que em janeiro de 1945, desistiram 4 chefes e 4 Trezenas que foram recuperadas em maio com mais 3 novas! Havia, pois, em outubro de 1945, 29 Trezenas e 21 chefes. O entusiasmo destes tem crescido cada vez mais. Cada um tem um vivo desejo de se distinguir pelo seu zelo, e assim se contam hoje 33 Trezenas e 26 chefes dedicados, 7 dos quais respondem por duas Trezenas e 2.600\$00 que anualmente entregam no Patriarcado.

Este movimento é obra das Filhas de Maria e Locistas, almas de boa vontade que procuram simultaneamente aperfeiçoar-se, demonstrando a Nossa Senhora o

CONTRASTES

seu grande amor, nos sacrifícios e humilhações sofridas na sua tarefa em busca de «Cruzados» dentro da quadra festiva do Tricentenário da Padroeira de Portugal.

Estas almas são encantadoras na sua docilidade e dum espírito de sacrifício, a toda a prova!... Bastou ser lançado o alvitre de completar 33 trezenas em memória dos 33 anos de Nosso Senhor, e logo partem sem olhar a dificuldades da conquista, vencendo a indiferença de tantos. O seu esforço é uma oferta de amor em benefício das almas que convidam, dispondo-as a receber as graças concedidas aos «Cruzados», é um prestígio para a sua paróquia e ainda um meio de minorar as dificuldades da Acção Católica, da qual a P. União é um precioso auxiliar!...

É bem frisante o contraste daquele postal e desta carta.

Haja almas generosas, almas cheias de amor de Deus, e as Obras Católicas não decrescerão do entusiasmo do seu início.

C. de A.

Crónica Financeira

A guerra obrigou todos os povos civilizados a aceitarem a chamada economia dirigida, que na maior parte dos casos se traduzia em tabelamentos de certos géneros e no racionamento doutros. A par disto ainda havia certas interferências nas importações e exportações que para uns artigos eram pura e simplesmente proibidas e para outros, regulamentadas.

Claro que a burocracia exulta com tudo quanto cheira a economia dirigida, porque para ele isto vale o mesmo que ficar a mandar no que é dos outros. Ora isto de mandar no que é dos outros deve ser situação muito agradável e pode ser até muito rendosa, muito mais rendosa com certeza do que a de quem nem no que é seu pode mandar. Quem manda só no que é seu, está sujeito a ganhar e a perder; quem manda no que é dos outros, ganha sempre.

Não admira pois que a economia dirigida tenha fervorosos adeptos, que são os que dirigem... o alheio; nem tão pouco surpreende que seja odiada pelos povos que se vêem expoliados, perseguidos e reduzidos à miséria, com o pretexto de que é preciso defender os pobres das garras dos especuladores.

O povo norte-americano acaba de mostrar ao mundo a sua repulsa por tal política, dando uma maioria esmagadora ao partido contrário à economia dirigida, que é justamente o partido conservador e foi um ar que lhes deu aos tabelamentos, racionamentos e mais endrôminas com que a burocracia norte-americana andava a ludibriar o povo.

Mas, dir-se-á: que vai ser agora dos pobres com a subida dos preços dos géneros e de todos os artigos necessários à vida?

— Mas de quais pobres? Dos que ganham o pão com o suor do

seu rosto? Esses não precisam de esmolas de ninguém, porque têm direito a que lhes paguem o seu trabalho pelo justo valor. Se os géneros subiram, o seu direito é que lhes subam os salários na proporção. Isto é o que eles querem e não umas razões que nem sequer chegam para matar a fome. E isto diz-se não só do trabalhador do campo e do operário, mas do empregado de escritório, do funcionário público, de todos enfim que no dia a dia ganham o pão com o seu trabalho...

— Mas como há-de o Estado arranjar dinheiro para aumentar os vencimentos do funcionalismo?

— Muito simplesmente: aumentando as contribuições. Que se importa o lavrador norte-americano, ou o industrial, comerciante ou quem quer que seja o contribuinte, de pagar contribuições triplicadas ou quadruplicadas, se vendem os seus produtos três vezes ou quatro mais caros?

Se os rendimentos se multiplicarem na proporção do custo da vida, nada importa que as despesas cresçam na mesma proporção. Até a caridade para com os necessitados virá multiplicada em proporção igual.

Assim pensou o povo americano e pensou bem, melhor do que os homens da economia dirigida,

melhor do que os chefes do Partido Democrático, que fizeram durante a guerra a inflação monetária e não queriam sofrer-lhe agora as consequências. Enquanto a guerra durou, o governo norte-americano encheu de notas os bolsos do público. Agora, suceda o que suceder, todo o povo ianque lhe há-de sofrer as consequências que só serão fatais para quem vive de juros. Nas quebras da moeda só esta classe é verdadeiramente sacrificada.

Pacheco de Amorim

Jacinta

e

Francisco Marto

Vamos pedir à Santíssima Trindade alguns milagres que possam servir para a causa da beatificação dos ditos videntes da Cova da Iria que partiram para Deus com sinais de predestinados.

Aqui transcrevemos uma oração aprovada pela autoridade eclesástica para ser rezada em particular:

Santíssima Trindade, Pai Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e com todo o afecto de minha alma Vos agradeço as aparições da Santíssima Virgem na Fátima para manifestar ao mundo a riqueza do seu Coração Imaculado e todas as graças que Ela comunicou a Portugal e aos pastorinhos na Cova da Iria.

Pelos méritos infinitos do Santíssimo Coração de Jesus e por intercessão do Coração Imaculado de Maria peço-Vos que, se for para Vossa maior glória e bem das nossas almas, vos digneis glorificar diante da Santa Igreja, Jacinta, a pastorinha da Fátima, (Francisco, o pastorinho), concedendo-nos por sua intercessão a graça que vos pedimos.

Assim seja. P. N. A. M. e Glória.

Pede-se o obséquio de enviar relação de graças obtidas e esmolas a P.º Carlos de Azevedo

Santuário de N.ª S.ª da Fátima Cova da Iria

MISSA BREVIS

I ESCUDO

Gráfica — Leiria

Visado pela Censura